Viúva Negra de Vilhena nos Comentários do Portal G1: Representação da Mulher no Caso Vânia[1]

Quennia MENDES[2]
Allysson MARTINS[3]
Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO

Resumo
Vânia matou o ex-namorado com trezes facadas durante uma relação sexual, em 2015. Esse é um dos casos de maior repercussão nacional do estado de Rondônia por causa da cobertura do portal G1, com o assassinato cometido por uma mulher. O corpus desta pesquisa compreende três matérias e um total de 2.288 comentários. A seleção se baseou na ordem cronológica e na importância da produção para a compreensão do caso, concluindo-se que as matérias do G1 a representaram de maneira depreciativa e negativa. Por causa da condição mulher da assassina, em uma análise quanti e qualitativa, percebe-se que os consumidores desviaram o foco do tema das matérias para objetificar sexualmente a jovem, ressaltando sua beleza, considerando-a louca e criticando o feminismo, que teria sido responsável pelo seu ato desviante.

Palavras-chave: Representação da mulher. Objetificação sexual. Interação. Patriarcado. Jornalismo Digital.

Introdução

Os jornais tentam se aproximar do leitor, através da criação da carta, desde o século XIX. A partir desse momento, a audiência conquistou um espaço de voz, ainda pequeno, na produção jornalística. Essa interação com os veículos de comunicação sofreu mudanças ao longo dos anos, principalmente na internet, com as evoluções tecnológicas e com a adaptação do jornalismo digital a essas inovações (BARBOSA, 2008, 2013; MIELNICZUK, 2003). As caixas de comentários, disponíveis abaixo das matérias na maioria dos sites, facilitam cada vez mais a interação com o veículo, com o jornalista e, principalmente, com outros consumidores. Essa interação, normalmente, baseia-se no fato jornalístico abordado, no entanto, o conteúdo muitas vezes ganha outros sentidos, sobretudo quando os consumidores passam a dialogar entre si. Embora o espaço de comentários tenha dado voz ao leitor e construído um ambiente de interação, eles já são criticados por estudiosos que colocam em dúvida a sua relevância (PRIMO; 2003; ROST, 2014; SALAVERRÍA, 2005). Isso porque o espaço cada vez mais se torna um ambiente para propagação do ódio, inexistindo uma interação efetiva com os produtores de informação e com as mídias sociais cumprindo um papel mais pungente na circulação dos conteúdos, saindo do espaço controlado pelas empresas jornalísticas.

Este trabalho analisa como as interações nos espaços destinados aos comentários do

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, no XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2 Jornalista pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: quenniadalila23@hotmail.com.
3 Orientador do trabalho. Professor de Jornalismo e coordenador do MíDI – Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais e Internet da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: allyssonviana@unir.br.

portal G1/Vilhena e Cone Sul retratam a mulher, especificamente pelo caso Vânia. Condenada a oito anos e quatro meses de prisão pelo assassinato do ex-namorado, morto com trezes facadas durante uma relação sexual, no dia 31 de dezembro de 2015, Vânia Basílio Rocha foi chamada por veículos de comunicação de "Viúva Negra", termo que descreve mulheres que matam os companheiros. Embora o G1 não a nomeia dessa maneira, no espaço de interação das matérias, muitos destacavam a beleza e os atributos físicos de Vânia, até diminuindo o crime de assassinato, pois a morte foi durante a relação sexual com uma jovem dentro de alguns padrões estéticas de beleza, sendo para alguns "uma boa morte". Os comentários pareciam fugir do assunto abordado para se fixarem em questões que não influenciaram o crime e não tinham destaque no texto.

A construção de discursos paralelos à matéria pôde-se enxergar previamente, como uma preponderância da cultura machista sobre a condição feminina (DRUMONT, 1980). As mulheres criminosas encaram suas penas e ainda são submetidas a um julgamento diferente, se comparado com o mesmo crime praticado por um homem (COUTINHO, 2008; GINDRI, 2006; GUERRA; MARQUES, 2017; FERREIRA; MOURA, 2012; SAVIETTO, 2015). Isso ocorre por conta dos costumes da cultura ocidental, onde da mulher se espera graça, passividade, paciência e tolerância e não a prática de crimes. Mesmo com significativas conquistas na ocupação de espaço na sociedade, as mulheres ainda não venceram a estrutura patriarcal, entendida como a submissão e exploração das mulheres através da dominação dos homens, em muitos casos, resumindo-a à vida doméstica e ao papel de objeto sexual (ALCÂNTARA; PEIXOTO; SILVA, 2017; BARRETO, 2004; COSTA, 1998; COUTINHO, 2008; DRUMONT, 1980; ENGELS, 2007; SAFFIOTI, 1987, 2001). Enquanto ao homem foi concedido o espaço público, à mulher fica no privado, o que resulta em dominação e submissão, pois ela deveria ficar em casa, cuidar da família, com pouco tempo para atividades no espaço de dominação. Com muita luta e algumas conquistas (COSTA, 1998; TELLES, 1999), as mulheres conseguem ultrapassar a barreira da submissão, conquistando posições antes ocupadas apenas pelos homens.

Esse avanço não acaba, no entanto, com as desigualdades associadas ao sistema patriarcal; mesmo no espaço de dominação, em muitos casos, ela continua dominada. Se as mulheres estão submetidas a uma relação de dominação, não possuem condições necessárias para decidir e, portanto, cedem diante das ameaças e violências, físicas ou psicológicas (MOURA, 2014; SAFFIOTI, 2001). Desta maneira, submetem-se, por exemplo, a ganhar menos que os homens, atuando em cargos iguais, e a acumular a função profissional e a responsabilidade de cuidar da casa e da família, como se fossem tarefas obrigatórias apenas da mulher. É perceptível que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que, além de

ocupar espaços destinados aos homens, elas sejam também respeitadas nesses ambientes sem nenhuma distinção por causa da sua condição feminina. Esta diferenciação aparece, inclusive, nas práticas criminais, uma vez que, quando a mulher é autora de um crime, a ação é diminuída simplesmente por ter sido praticada por alguém do sexo feminino ou justificada pela sua condição de mulher.

A mídia reproduz o discurso patriarcal em suas coberturas, colocando a mulher criminosa em perfis estanques, como a santinha inocente ou a caridosa menina que teve seus valores corrompidos por um terceiro e, sendo frágil, foi influenciada a cometer o crime (COUTINHO, 2008). "Para construir a mulher como agente de criminalidade, é preciso desenvolver um juízo de marginalidade e depravação, pois a cultura patriarcal tem grande preocupação com o controle da sexualidade feminina, formando juízos negativos sobre comportamentos considerados desviantes" (GINDRI, 2016, p. 282). A atração física é outra característica do padrão narrativo observada. A aparência da personagem é ressaltada com o objetivo de construir o perfil de uma mulher fatal, bela, sedutora e capaz de matar.

A mulher criminosa é duplamente punida: pela violação de uma norma penal do Estado e por ser mulher, por não terem cumprido com a suposta lei natural que delimita os papéis femininos. Dessa maneira, percebemos que a representação da mulher na mídia, em sua maioria, é negativa e depreciativa. Quando a mulher é vítima de violência, as coberturas jornalísticas tentam culpá-la pela agressão sofrida ou justificam a ação do homem, e, quando a mulher é a criminosa, o discurso da imprensa tenta apresentar, sobretudo, argumentos que vão mostrar essa mulher como uma pessoa frágil, que foi manipulada para cometer tal crime, uma vez que ações criminosas estão socialmente determinadas para serem praticadas pelos homens e uma mulher não pode ter a capacidade de fazer atividades masculinas.

É possível presumir, por conseguinte, que Vânia passaria por esses julgamentos, já que esses padrões não são apenas midiáticos, mas da estrutura patriarcal. Desta maneira, a análise da interação nos comentários das matérias do caso Vânia, no portal G1/Vilhena e Cone Sul, possibilita uma maior compreensão da representação da mulher no século 21, depois de significativas conquistas por meio de lutas, principalmente dos movimentos feministas, identificando se a mulher criminosa é vista da mesma maneira que um homem criminoso ou se a condição feminina influencia o julgamento do público nos espaços de interação. Cabe aqui pontuar, portanto, que por meio de uma observação assistemática foi possível identificar um grande número de comentários que destacam os atributos físicos de Vânia, desconsiderando até o crime por ela cometido, incitando a necessidade de avaliação dessas interações a fim de entender a construção desses discursos e verificar suas relações com a condição mulher da autora do crime.

O caso está entre os de maior repercussão no estado de Rondônia em que o assassinato é cometido por uma mulher. A repercussão nacional foi possível, principalmente pela cobertura feita pelo portal G1, que publicou 32 matérias até o dia 12/09/2018, com algumas obtendo destaque na *home* do site Globo.com, o que aumentou a visibilidade e a interação nos comentários, com mais de oito mil nessas produções. A escolha do portal G1/Vilhena e Cone Sul se baseia nos apontamentos destacados acima: repercussão nacional e grande número de interação em torno de um caso em que a mulher não é a vítima, e que, mesmo autora do crime, foge dos patrões convencionais de criminosa, já que Vânia é branca, com grau de escolaridade equivalente à sua idade, de classe média e com padrões estéticos aceitáveis, baseado nas imposições atuais de beleza construídas pela sociedade.

Para o *corpus* desta pesquisa, foram selecionadas três matérias. A seleção se baseou na ordem cronológica e na importância das produções para a compreensão do caso, com a primeira publicação sobre o assassinato no portal, com 1.490 comentários. A segunda matéria avaliada é sobre o resultado do julgamento de Vânia, publicada nove meses após o crime e com 258 comentários. A terceira aborda o indeferimento feito pelo Superior Tribunal de Justiça ao pedido da Defensoria Pública de Rondônia, que tentava diminuir a pena de Vânia, com 537 comentários; ela foi publicada seis meses depois da segunda matéria do *corpus*. Desta maneira, as três produções dispõem de 2.288 comentários, contados e analisados até a data de 25 de novembro de 2018. Para atingir o objetivo deste estudo, foram feitas análises quantitativa e qualitativa com a intenção de distinguir quais são os assuntos mais comentados e quais os sentimentos e as representações dessas interações. A investigação quantitativa permitiu apresentar os assuntos e os sentimentos, enquanto o discurso construído nos comentários pôde ser percebido por meio da análise qualitativa.

“Viúva negra”: do crime à condenação no G1

O portal G1/Vilhena e Cone Sul publicou a primeira matéria sobre o caso no dia 30 de dezembro de 2015, noticiando o crime acontecido naquela manhã. A produção foi escrita por uma mulher, tem seis parágrafos, duas fotos, um vídeo e um áudio. Duas pessoas foram usadas como fontes, a assassina e o delegado. O título da matéria destaca que o crime aconteceu durante uma relação sexual e traz citação direta de Vânia: “Jovem de RO mata ex a facadas em ato sexual: ‘queria matar alguém’, diz”. A linha fina destaca que a jovem diz não se arrepender do crime e evidencia uma percepção do delegado quanto à condição psicológica da assassina, em citação direta: “‘Observamos que ela tem traços de um sociopata’, afirma delegado”. A foto principal da matéria apresenta a casa onde aconteceu o crime, com uma viatura da polícia civil e pessoas em frente ao local.

As escolhas para composição do título e da linha fina trazem afirmações que, quando lidas juntas, criam um dos principais estereótipos atribuídos às mulheres criminosas, principalmente as assassinas, o de "maluca". O G1 enfatizou que Vânia queria matar alguém e não estava arrependida do crime; a fala do delegado aparece para conceder credibilidade ao discurso que estava sendo criado, que parece mostrar que a justificativa para uma mulher cometer um crime com tanta brutalidade seria a loucura. A condição psicológica dela estava afetando o "ser mulher" e, por isso, praticou ações que são socialmente compreendidas quando praticada por homens, mas que fogem do que o sistema patriarcal exige e espera da mulher: submissão, fragilidade, doçura, além do condicionamento ao espaço privado.

O primeiro parágrafo informa quem é a suspeita, a vítima e como, onde e quando o crime aconteceu. O "por quê", elemento que compõe a estrutura do lead, aparece ao fim do parágrafo: "Em entrevista na delegacia, Vânia confessou o crime. 'Queria matar alguém. Não me arrependo. Fiquei olhando olho no olho até ele morrer', revela." Com essa construção, o portal praticamente diz: "ela cometeu o crime somente porque queria matar alguém, dessa maneira só pode ser louca". O segundo, terceiro e quarto parágrafos são dedicados a relatar, na versão de Vânia, como teria planejado o crime e como conseguiu marcar o encontro com o ex-namorado e matá-lo. Uma foto da jovem na delegacia é apresentada. O veículo oferece a possibilidade de ouvir o áudio da entrevista da jovem e resume o que foi dito por ela, destacando a parte em que diz que, na noite anterior, pensou em três pessoas que poderia matar: "Segundo ela, três nomes de possíveis vítimas foram colocadas em uma lista: um amigo, um 'ficante' e o ex-namorado". Há também uma citação direta da jovem que começa da seguinte maneira: "'Eu queria matar uma pessoa só, dos três. Eu tapei o olho dele. Aí peguei a faca e meti nele. Ele reagiu e veio para cima de mim e eu fui para cima dele também. Eu enforquei ele, e aí comecei a meter [facadas] em outras partes do corpo dele [...]'".

O quinto parágrafo conta como Vânia foi presa e apresenta um breve relato de sua relação com a vítima: "Ela contou que terminou o namoro há dois meses com Marcos, com quem namorou durante 9 meses". Em seguida, um vídeo é inserido com uma nota coberta – quando o apresentador lê um texto e aparecem imagens para composição. A nota foi produzida pela Rede Amazônica, também afiliada do Grupo Globo, e exibida no Jornal de Rondônia. O sexto e último parágrafo é posto após um subtítulo denominado "Investigação", quando se explica que a polícia a prendeu em flagrante por homicídio qualificado e conclui com uma citação do delegado: "'Ela diz que sentiu vontade de matar alguém e poderia ser qualquer um dos três. Disse que não usa drogas, e que nunca fez tratamento psiquiátrico. Observamos que ela tem traços de um sociopata', explicou Campos". A matéria recebeu 1.490 comentários, das matérias analisadas, é a que apresenta maior número de interação viabilizada

pelo jornal, que permitiu uma construção do percurso de leitura, usufruindo da multimídia (BERTOCCHI, 2006; MARTINS, 2017; SALAVERRÍA, 2014).

Nove meses depois do crime, Vânia foi levada a júri popular. No dia 15 de setembro de 2016, o portal G1 publicou: "Jovem que matou ex no ato sexual é condenada a 13 anos e fica 'furiosa'". A matéria foi escrita por um homem, possui 18 parágrafos, cinco subtítulos, três fotos, dois vídeos, um áudio, além de hiperlinks que direcionam para outras matérias publicadas sobre o caso. A foto principal mostra Vânia sentada na sala de julgamento com a cabeça baixa, aparentando descontentamento com a sentença anunciada. A foto foi publicada com a legenda: "Vânia Basílio fez cara de fúria no Fórum de Vilhena".

Os primeiros dois parágrafos resumem o dia de julgamento, informando o local onde aconteceu a audiência, duração do júri, a sentença, além de destacar informações do promotor, de que Vânia teria visto uma calcinha no quarto do ex-namorado, ficado com ciúmes e, por isso, matou o jovem. O texto ressalta ainda o aborrecimento da jovem com o resultado do julgamento. "Ao ouvir a sentença, feita pela juíza Liliane Pegoraro Bilharva, Vânia fez cara de 'furiosa' e não chorou". Ao frisar que ela não chorou, o jornalista demonstra que havia, por parte dele ou da sociedade, a espera por um choro de arrependimento ou fraqueza, já que ela é uma mulher e deveria ser meiga e delicada. No entanto, ela teria feito "cara de fúria" por estar aborrecida com a condenação de 13 anos de prisão. Outra imposição social do patriarcado não confere à mulher o direito de questionar, mas apenas aceitar as situações. Em mais seis parágrafos, a matéria traz falas da acusação e da defesa. Em seguida, o subtítulo "Revelações" enfatiza afirmações do promotor, que até então não era de conhecimento da mídia. "Vania furtou e usou maconha e chegou a fugir da casa da mãe diversas vezes. Durante o namoro com Marcos, houve uma briga em que a vítima acabou quebrando o celular dela, pois Vania estava repassando fotos de cunho sexual para amigas. (…) A relação dos dois era violenta, porém eles continuaram transando mesmo depois de se separarem."

O uso de drogas, o envio de fotos íntimas para amigas e o fato de continuar se relacionado sexualmente com o ex-namorado é uma investida para mostrar ao júri o seu comportamento inadequado. O destaque dessas afirmações não é de surpreender, uma vez que associar atitudes que fogem das características estabelecidas para mulheres pelo patriarcado, principalmente quanto ao seu "desvio sexual", é uma das táticas da mídia para construir o perfil da mulher criminosa. A conduta delituosa é atribuída à sua liberdade sexual, ao fato dessa mulher não ser submissa, ter saído do espaço privado e assim provocado uma espécie de "falha" em seu perfil feminino. Não coincidentemente, em meio às colocações, o veículo publica uma foto de Vânia retirada da sua conta no Facebook. Na imagem, diferentemente das fotos da primeira reportagem e da principal desta matéria, ela está sorrindo e maquiada. O

portal publicou uma foto da vítima, um áudio com a entrevista da assassina no dia em que foi presa e dois vídeos produzidos pela Rede Amazônica. O conteúdo teve 258 comentários.

A última matéria escolhida para o *corpus* foi publicada em abril de 2018, um ano e sete meses depois da segunda matéria observada: "STJ nega recurso e mantém condenação de jovem que matou ex no ato sexual em RO". Nesse momento, Vânia já tinha a pena reduzida de 13 para 8 anos e quatro meses de prisão e a Defensoria Pública de Rondônia tentava uma nova diminuição. A matéria, escrita por uma mulher, tem 14 parágrafos, cinco subtítulos, três fotos e hiperlinks. Das três matérias analisadas, é a que menos apresenta estratégias para representação negativa da assassina, baseda em explicar as justificativas da Defensoria para recorrer da sentença e os argumentos do STJ ao negar o pedido, além de apresentar declarações da direção do presídio sobre o bom comportamento de Vânia. "Conforme a direção do presídio feminino, Vania tem bom comportamento e continua em tratamento médico em virtude da doença mental (…) a presa participa de atividades de remição de pena, como aulas do ensino médio e artesanato".

No decorrer da matéria, o dia do crime é relembrado, bem como o julgamento e outros fatos relacionados ao caso, publicados pelo portal G1/ Vilhena e Cone Sul, inclusive, o diagnóstico médico que considerou a jovem sociopata. Uma das fotos publicadas mostra Vânia dentro do presídio, com cabelos arrumados, levemente maquiada e sorrindo durante a entrega de uniformes da unidade prisional. Outra imagem é novamente do Facebook da jovem. O espaço de interação da matéria recebeu 535 comentários. O portal G1 usou estratégias de representação da mulher criminosa semelhante ao de casos como de Von Richtoffen e Matsunaga (COUTINHO, 2008; GINDRI, 2016), principalmente ao ressaltar comportamentos sexuais, ao usar as fontes para sugerir um comportamento louco – quando se tenta justificar crimes por mulheres –, além da publicação de fotos da jovem que evidenciam um padrão estético de beleza.

Vânia nos comentários do portal G1

Os comentários nas três matérias foram divididos em 24 categorias a fim de identificar os principais apontamentos dos consumidores: (1) Apoio à Vânia e/ou à sua família; (2) Apoio à vítima e/ou à sua família; (3) Apoio ao feminismo; (4) Beleza da assassina; (5) Condição psicológica; (6) Crítica à polícia; (7) Crítica ao Código Penal Brasileiro; (8) Crítica ao feminismo; (9) Crítica ao site; (10) Culpa da vítima; (11) Defesa de Vânia; (12) Descontentamento com a sentença; (13) Frágil e dócil; (14) Incitação a crimes; (15) Objetificação sexual da assassina; (16) Objetificação sexual da mulher; (17) Pedido de justiça; (18) Perigosa/risco para a sociedade; (19) Políticos; (20) Reação à notícia; (21) Reações

vagas; (22) Região/estado/cidade onde aconteceu o crime; (23) Religiosos; (24) Outros, que não se enquadram nas categorias anteriores. Cada matéria foi avaliada individualmente e as categorias não se repetem em todas, como "descontentamento com a sentença", que aparece na segunda e na terceira, sobre o julgamento. Depois de divididas, foram destacadas aquelas que se referem precisamente à representação da mulher, que são: (1) apoio ao feminismo; (2) beleza da assassina; (3) condição psicológica; (4) crítica ao feminismo; (5) frágil e dócil; (6) objetificação sexual da assassina; (7) objetificação sexual da mulher; e (8) perigosa.

A divisão dos comentários por categorias possibilitou perceber que os discursos criados, em sua maioria, fogem do tema central da produção ou diminuem o crime para enfatizar outros aspectos, principalmente relacionados à assassina e que em nada contribuem para uma discussão ética e consciente sobre o fato. Na primeira matéria, as 1.490 interações foram divididas em 22 categorias, as cinco com mais comentários foram: objetificação sexual da assassina (447 comentários, 30%); outros (204 comentários, 13%); região/estado/idade onde aconteceu o crime (93, comentários, 6,2%); religiosos (90 comentários, 6%); e beleza da assassina (89 comentários, 5%). As cinco categorias com menor quantidade de comentários são: culpa da vítima (13 comentários 0,8%); apoio à vítima e/ou à família (9 comentários, 0,6%); frágil e dócil (8 comentários, 0.5%); crítica à polícia (3 comentários, 0,2%); e duas categorias na quinta colocação: perigosa e apoio ao feminismo (2 comentários, 0,1%), cada. No tocante à condição feminina, destacam-se oito: objetificação sexual da assassina (447 comentários, 30%); beleza da assassina (89 comentários, 5%); condição psicológica (78 comentários, 5%); objetificação sexual da mulher (60 comentários, 4%); crítica ao feminismo (53 comentários, 3%); frágil e dócil (8 comentários, 0,5%); perigosa (2 comentários, 01%); e apoio ao feminismo (2 comentários, 0,1%).

A segunda produção recebeu 258 comentários, segmentados em 18 categorias. As cinco com maior número de interações foram: objetificação sexual da assassina (89 comentários, 34 %); descontentamento com a sentença (47 comentários, 18%); em terceiro, beleza da assassina e crítica ao Código Penal Brasileiro (20 comentários, 7,7%), cada; em quarto, duas categorias com a mesma quantidade de comentários, condição psicológica e crítica ao feminismo (19 comentários, 7,4%) e outros (8 comentários, 3%). As cinco com menor interação são: região/estado/cidade onde aconteceu o crime (6 comentários, 2%); reações vagas (5 comentários, 1,9%); apoio ao feminismo (4 comentários (1,5%); reação à notícia e religiosos (2 comentários para cada, 0,8%); e em quinto com o mesmo número de interação: apoio ao feminismo; crítica ao site; frágil e dócil; e políticos (1 comentário, 0,4%). Foram ressaltadas seis categorias para identificar a representação da mulher: objetificação sexual da assassina (89 comentários, 34%); beleza da assassina (20 comentários, 7,7%);

condição psicológica (19 comentários, 7,4%); crítica ao feminismo (19 comentários, 7,4%); apoio ao feminismo (1 comentário, 0,4%); e frágil e dócil (1 comentário, 0,4%).

Na terceira e última matéria, o número de interações foi de 537, com 16 segmentações, sendo as cinco mais numerosas: objetificação sexual da assassina (165 comentários, 30%); crítica ao feminismo (56 comentários, 10,4%); crítica ao Código Penal Brasileiro (55 comentários, 10,2%); descontentamento com a sentença (53, comentários, 9.7%); condição psicológica (45 comentários, 8%). Já aquelas com menor interação são: beleza da assassina (13 comentários, 2,4%); reação à notícia (10 comentários, 1,8%); em terceiro, políticos e religiosos (9 comentários, 1,6%), cada; defendem a assassina (6 comentários, 1,1%) e crítica ao site (5 comentários, 0,9%). Os discursos sobre a mulher aparecem em quatro: objetificação sexual da assassina (165 comentários, 30%); crítica ao feminismo (56 comentários, 10, 4%); condição psicológica (45 comentários, 8%) e beleza da assassina (13 comentários, 2,4%).

Uma das principais formas usadas na representação midiática sobre a mulher é a sua evidência sexual, já que a sociedade patriarcal condena a liberdade sexual feminina. Quando esses discursos são construídos, a mulher passa a ser vista como "imoral" e "depravada", mesmo que em nada contribua para esse estereótipo. As interações, maioria de homens, reproduzem essa representação, pois dizem querer ter relações sexuais com a assassina, fazem suposições sobre o desempenho sexual dela e comentam sobre suas partes íntimas.

Em todas as três produções, a categoria "objetificação sexual da mulher" foi a que apresentou maior quantidade de comentários. Das 2.288 interações, 701, o equivalente a 30,6%, sexualizam a assassina e, consequentemente, a mulher de maneira geral. A matéria que apresentou maior porcentagem de interações nessa categoria foi a segunda, 34%, enquanto a primeira e terceira apresentaram percentual de 30% cada. Como destacado anteriormente, a segunda produção foi escrita por um homem e foi a matéria que mais explorou fotos da assassina, inclusive imagens de rede social, em que aparece bem vestida e maquiada. Deste modo, é patente que houve contribuição para o discurso de sexualização da mulher feito pelos consumidores. Esses comentários demonstram que a mulher ainda é vista como objeto sexual, mesmo em casos em que ela assassina um homem durante o sexo, por exemplo: "o próximo que for meter a banana nela não pode esquecer de amarrar as mãos"; "sexo com ela é selvagem e masoquista… adoro"; "Alguém que já comeu devia dar uma entrevista contando o que ela faz na cama, se é boa ou não, só para matar a curiosidade da gelra, pelo eu to curioso". A gravidade do crime é ignorada para ressaltar o contexto sexual, resumindo a jovem ao que ela pode "oferecer" sexualmente.

A ideologia do sistema patriarcal de que a mulher serve, praticamente, para dar prazer sexual ao homem contribui para neutralizar o fato dela ter cometido ações criminosas

praticadas majoritariamente por homens. Ainda colocando o crime em segundo plano e evidenciando o contexto sexual em que o assassinato aconteceu, alguns homens dizem que arriscariam morrer em troca de sexo com Vânia: "eu até levaria uns facadinha bem de leve, só pra cruzar gostoso com ela kkkkk"; e satirizam a morte da vítima ao comentarem que o jovem "morreu antes de gozar". É importante ressaltar que no título das três produções analisadas o termo "matou no ato sexual" foi utilizado, direcionando para uma percepção ampliada do contexto sexual que envolvia crime.

Os comentários sobre as partes íntimas da jovem revelam o que os homens exigem das mulheres para agradá-los: "gosto de b.u.c.e.t.a raspadinha e rosada, a dela dever ser gostosa, só que com pelos ruivos"; "Peitos grandes ela tem... deliciosos!"; "a perseguida dela com certeza é apertadinha e branquinha até arrisco meter a língua". Além dos comentários que objetificam sexualmente, de forma específica a assassina, outros generalizam e sexualizam todas as mulheres, reforçando a cultura do "macho dominante". Esses discursos foram encontrados e qualificados na categoria "objetificação sexual da mulher". A separação das interações voltadas para Vânia e para o publico feminino de maneira geral foi necessária para que se compreenda que a visão machista está intrínseca na sociedade e que não é aplicada somente em casos isolados como este. Nos comentários sobre a beleza de Vânia, há interações que fazem elogios a cor, ao rosto, a voz e até aos pés dela, com termos como "PsicoGata" e "Serial Gata". Uma pessoa escreveu: "Gente, ela é tão fofinha. Linda, cabelo ruivo lindíssimo, pele bem branquinha e rosto angelical. Chega a dar um aperto no coração só de pensar em uma coisinha tão bonitinha dessa na cadeia". Os comentários sobre sua beleza denotam que, por conta desse padrão estético, ela não merece ser presa.

O desejo de não encarcerá-la perpassa a cultura do público e privado, em que as mulheres não estão destinadas ao espaço da "cadeia", majoritariamente ocupado por homens. Elas, nesse ambiente, mostram a ocupação feminina dos locais públicos, mesmo em situações de crimes. Além disso, o padrão de beleza enfatizado nas interações revela que as mulheres estão sempre sujeitas aos julgamentos estéticos, com o perfil feminino devendo agradar aos homens, no direito de ditar o que é ou não belo. O segmento "beleza da assassina" representa 5,3% de todas as interações, foram 122 comentários. Em consonância com o que foi detectado na categoria "objetificação sexual da assassina", é na segunda matéria que está a maior porcentagem evidenciando seus aspectos físicos: 7,7%, contra 5% e 2,4%, respectivamente, na primeira e na terceira. Os números constatam que a narrativa influencia os consumidores ao apresentarem seus posicionamentos.

As interações que expõem críticas ao feminismo associam o movimento à morte da vítima e colocam em descrédito os ideais feministas. Os comentários como: "Cadê as

feministas? Digo e repito, mulher de hoje não presta!"; "Por isso tem que ser machista e dominador. Deu mole a mulher toma conta"; e "mulher no poder só dar merda mesmo" explicitam o descontentamento dos homens com o posicionamento da mulher que se impõe e combate o machismo ao lutar por igualdade. As conquistas históricas por meio das lutas são vistas como distorções do patriarcado que tiram as mulheres do lugar onde o sistema quer que elas estejam; elas promovem a desfiguração do perfil feminino: "bela, recatada e do lar". Essa alteração no comportamento, para algumas pessoas que interagiram no portal G1, é a principal justificativa para o crime cometido por Vânia, tendo em vista que, no modelo de sociedade patriarcal, a mulher é destinada ao ambiente da casa, dedicando-se aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Ao passar mais tempo de sua vida nesse espaço privado, ela teria menos chance de se envolver com práticas criminosas.

As interações inseridas na categoria "condição psicológica" reforçam o discurso da mulher como louca e descontrolada, que não sabe agir racionalmente. Esses comentários revelam nitidamente a construção do estereotipo "louca" atribuído às mulheres, como: "Essa daí é louca, maluquinha"; "não confio em mulheres são todas doidas, essa Vânia é a mais maluca pra fazer uma coisa dessa, louca de pedra"; "O que passa na cabeça de uma mulher pra fazer uma coisa dessa...é louca imagina se estivesse na tpm kkk". Com 142 comentários, representou 6,2% de todas as interações. Essa categoria foi impulsionada na primeira matéria, com o portal G1 ajudando na construção desse perfil "maluca" da assassina, ao contar como o crime aconteceu e a escolha de evidenciar a parte em que o delegado afirma ter encontrado traços de sociopatia na jovem. Um dos consumidores percebe essa estratégia ao comentar: "Só pq é mulher o G1, a policia, a sociedade já taxam de 'louca, mas se fosse um homem haveria um motivo racional para o crime...infelizmente a sociedade ocidental trata a mulher como um ser divino, lamentável". Todos comentários dessa categoria, contudo, não foram feitos apenas por incitação da narrativa, porém, contribuiu de modo evidente. Atrelado ao que já está convencionado socialmente sobre a irracionalidade feminina, fez-se com que mais uma vez a mulher fosse representada como louca.

Os comentários sobre a fragilidade e a docilidade foram feitos com o intuito de lembrar essas características como femininas, de acordo com o patriarcado, e que não deveriam ter relação com o perfil de alguém capaz de cometer crimes. "Ela tem carinha de pessoa bem angelical e doce nem parece que vira o diabo kkk"; "como uma mulher fraquinha dessa consegue matar um homem desse jeito??"; "o que tá acontecendo com as mulheres? a garota é toda delicada, fraquinha e mete a faca sem dó no cara... tudo invertido". Essas interações, na categoria "frágil e dócil", com 9 comentários, 0,3% do total, exemplificam os pensamentos que esperam das mulheres um comportamento dócil e que se apegam ao fator

biológico para criar diferença de força entre gêneros, sempre reforçando que a superioridade masculina nesse sentido (ALCÂNTARA; PEIXOTO; SILVA, 2017; BARRETO, 2004; BOURDIEU, 2002; GIFFIN, 1991; SAFFIOTI, 1987). Ao perguntarem como pode uma mulher "fraca" matar um homem dessa maneira, questionam a "inversão" dos papéis, que estaria "tudo invertido"; ou seja, o homem teria condições para cometer tal ato, não a mulher.

As práticas e os comportamentos das mulheres são avaliadas segundo o sistema patriarcal, com regras que fixam o divergente com errado, fora dos padrões e inaceitável. Essa percepção é asseverada em comentários que apresentam Vânia como "perigosa"; embora pareçam naturais por causa das circunstâncias do crime, a categoria representa apenas 0,08% das interações totais, com 2 comentários. O termo "perigosa", quando aplicado às mulheres, não demostra apenas medo das pessoas, mas é outra forma de dizer que as práticas criminais estão condicionadas ao universo masculino e, quando essas ações são executadas por uma mulher, ela se torna perigosa por oferecer risco ao patriarcado, com atitudes que vão contra o sistema. Os homens, quando presos por homicídio, são vistos como perigosos em casos de mortes sequenciais ou brutais, justamente devido à divisão social que o coloca no "mundo do crime" e matar não atribuiria a ele a característica de perigoso, seria algo natural.

Considerações finais

O caso Vânia traz elementos importantes para a avaliação, como o fato da mulher ser autora do crime e não vítima, e ter assassinado um homem, seu ex-namorado, em ato sexual. Esta situação é atípica para uma mulher, segundo o modo de operar do patriarcado. Praticando ações criminosas, ela ocuparia um espaço socialmente condicionado ao homem. Embora devesse ser vista tão somente como criminosa, Vânia passa por outros julgamentos simplesmente pela sua condição de mulher, pelo jornal e pelos seus consumidores. O portal G1 usou estratégias para construir um discurso que representou negativamente a mulher, colocando a expressão "matou no ato sexual" sempre no título das três matérias. É perceptível que a produção escrita pelo homem foi a que mais explorou a imagem de Vânia, inclusive com fotos de rede social, em que aparece bem-vestida e maquiada. Essa estratégia aumentou as interações com discursos de objetificação sexual e que destacavam a beleza da criminosa.

Essas mulheres criminosas sofrem um duplo julgamento, pela violação de uma norma penal do Estado e pela quebra das regras impostas pelo patriarcado, que ditam o que a mulher deve ou não fazer, influenciando no julgamento quanto aos seus atos. Compreendendo esses movimentos, fica evidente que é preciso discutir o papel da mulher dentro da sociedade. No caso desta pesquisa, a caixa de comentários do portal G1, um espaço muitas vezes ignorado, deixa evidente o pensamento das pessoas sobre determinado assunto, sobretudo quando se

valem de um possível anonimato na internet. A investigação de três matérias e 2.288 comentários resultou na divisão das interações em 24 categorias, porém, apenas oito com ligação direta à representação da mulher.

Das 2.288 interações presentes na caixa de comentários das três matérias, 701, o equivalente a 30,6%, sexualizam a assassina e consequentemente a mulher de maneira geral; é o maior percentual entre todos os 24 segmentos. Na primeira matéria, dos 1.490 comentários, 447 estavam na categoria "objetificação sexual da assassina", o número representa 30% das interações. Na segunda produção, foram 89 comentários nessa categoria, o que equivale a 34% das 258 interações, sendo a matéria com maior porcentagem de comentários nesse segmento e, não consequentemente, a única produção escrita por um homem, com mais fotos da assassina. A terceira matéria, com 537 interações, teve 30% de comentários com discursos de objetificação, totalizando 165. Nos comentários, os consumidores, na maioria homens, disseram querer ter relações sexuais com a assassina, fizeram suposições sobre seu desempenho sexual e ainda comentaram sobre suas partes íntimas.

A categoria "beleza da assassina" teve 122 comentários (5,3%), com maior porcentagem na segunda matéria, 7,7%. O segmento traz interações que fazem elogios a cor, ao rosto, a voz e até aos pés de Vânia. A categoria "condição psicológica" representou 6,2%, com 142 comentários, reforçando a mulher como louca, descontrolada, que não sabe agir racionalmente. As produções construíram narrativas favoráveis a essa percepção da mulher como maluca, ao enfatizar que ela queria matar alguém – não importa quem – e não estava arrependida do crime, além de destacar uma fala do delegado sobre ter encontrado traços de sociopatia ainda no primeiro contato. O G1 mostrou que a loucura seria a justificativa para uma mulher ter cometido um crime com tamanha brutalidade. A "objetificação sexual da mulher" apresentou conteúdos de contexto sexual, porém, sem ligação direta com Vânia, por isso, separados da "objetificação sexual da assassina". Essa categoria, com 60 comentários, corresponde a 2,6% do total e ajudou a comprovar que a visão machista está intrínseca na sociedade e que não é aplicada somente em casos isolados, mas se estende a todas.

Os apontamentos sobre o movimento feminista estão em duas categorias: "crítica ao feminismo" e "apoio ao feminismo", com 126 comentários (5,5%) e 3 comentários (0,1%). A diferença na quantidade mostrou que os discursos em torno das lutas do movimento feminista são preponderantemente negativos. Os consumidores colocaram na conta do feminismo a morte da vítima, sob o argumento de que foram esses ideais que encorajaram a assassina a cometer o crime. O pequeno apoio ao feminismo é o reflexo de uma maioria que segue perpetuando, consciente ou inconscientemente, as ideologias patriarcais. Essa inferioridade foi percebida ainda na categoria "frágil e dócil", com 9 comentários, 0,3% do total, com o

intuito de associar essas características como femininas e que não deveriam ter relação com o perfil de alguém capaz de cometer crimes. O segmento "perigosa", com 2 comentários, apenas 0,08%, não traz, necessariamente, uma carga de medo da assassina. O perigo maior estar em ela ser uma mulher fora dos padrões aceitáveis pela sociedade, oferecendo, assim, risco ao bom funcionamento do sistema patriarcal.

É possível concluir que a representação da mulher nos comentários do portal G1 sobre o caso Vânia é depreciativa e negativa. Por causa da condição mulher da assassina, muitos desviaram o foco das matérias para objetificá-la sexualmente, além de ressaltarem sua beleza, de a considerarem louca e de criticarem o feminismo, responsável pelo seu ato desviante. A mulher criminosa é vista pela sociedade patriarcal como uma "peça" do sistema que está em falha, uma personagem que não cumpre seu papel adequadamente, ela sofre esse defeito ao deixar o espaço privado e ocupar o espaço público e praticar ações masculinas. Esse rompimento, criticado nos comentários, demostra que as ideologias patriarcais ainda são aceitas e praticadas por grande parte da sociedade; ter algo que ameace o sistema, que tire o homem da situação de dominante, está longe de ser aceito. Os discursos paralelos ao tema abordado para demostrar interesse sexual na assassina, para tecer elogios ao seu aspecto físico e para ironizar as conquistas do movimento feminista, é a prova de que a mulher ainda é, para muitos, um objeto (sexual). As suas qualidades se limitariam à satisfação masculina, devendo permanecer no espaço privado, dedicando-se aos afazeres domésticos e cuidando dos filhos. Quando os discursos são ignorados, contribui-se para a naturalização da ideologia patriarcal e se incentiva o silenciamento da voz feminina, que busca historicamente ser ouvida e credibilizada a fim de conquistar respeito e tratamento igualitário.

Referências

ALCANTARA, Patrícia; PEIXOTO, Camila; SILVA, Adriana. As relações patriarcais de gênero na família: influência da mídia televisiva. **Holos**, IFRN, Brasil, n°33, v.07, 2017 p 270-277.

BARBOSA, Suzana. Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) em interação com a convergência jornalística. **Revista Textual & Visual Media de la Sociedad Española de Periodística**, v. 1, Madrid, 2008, p.87-106.

BARRETO, Maria. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Àrtemis**, UFPB, v.18, Brasil, 2004, p. 64-73.

BERTOCCHI, Daniela. **A narrativa jornalística no ciberespaço: transformações conceitos e questões.** Dissertação. (Mestrado em Informação e Jornalismo.) Universidade do Minho, Portugal, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kühner. 3ª ed., Riode Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COSTA, Ana. **As donas no poder. Mulher e politica na Bahia.** Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia. 1998.

COUTINHO, Lorena. **Criminologia feminina e a mídia: o caso Suzane Louise Von Richthofen nos jornais Folha de São Paulo e Correio Braziliense**. 47f. Trabalho de conclusão de Curso – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

DRUMONT, Mary. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Tradução de Leandro Konder. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

FERREIRA, Giovandro; MOURA, Clarissa. O discurso da imprensa entre constrangimentos e estratégias: a cobertura da violência contra a mulher em dois jornais de Salvador-Ba (Correio* E Massa!). In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, 2012.

GIFFIN, Karen. Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social. **Cadernos de Saúde Pública**,1991, v.7, p.190-200.

GINDRI, Eduarda. A representação da mulher criminosa na revista Veja. **Revista de Direito Brasileira**, v. 15, São Paulo, 2016. p. 270 – 294.

GUERRA, Eliana; MARQUES, Maria. Violência contra a mulher no espaço midiático brasileiro. **Temporalis**, v17, Brasil, 2017, p.167-192.

MARTINS, Allysson. **Guerras de memórias e os 50 anos do golpe de 1964: midiatização do passado em especiais do jornalismo digital**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MOURA, Clarissa. **Um emissor e dois enunciadores: A violência contra a mulher nas páginas de Massa! e A tarde.** Dissertação (Mestrado Comunicação e Culturas Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional.** Tese (Doutorado em informática na educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 caraterísticas que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2014, p. 27-54.

SAFFIOTTI, Heleieth. **O poder do macho**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, v16, Brasil, 2001. p.115-136.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 caraterísticas que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2014, p. 89-110.

TELES, Maria. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.